

Sugestão dos índios brasileiros provoca a retirada do representante argentino do debate no congresso em Cusco

Pela autodeterminação dos povos indígenas

CARLOS ALBERTO LUPPI

Enviado especial

OLLANTAYTAMBO (Peru) "Os povos indígenas no Brasil, que somam a 210 mil índios puros espalhados em mais de 600 nações e que falam mais de 150 línguas diferentes, começam a compreender a necessidade de organizarem-se para resistir à invasão das empresas capitalistas que expropriam suas terras para depois de separá-los de seus meios de produção transformá-los em mão-de-obra barata exterminando-lhes desta forma como povo e destruindo sua identidade étnica. Os povos indígenas do Brasil já compreenderam que seu principal inimigo é o sistema capitalista apoiado sobre a propriedade privada dos meios de produção. Eles sabem que a sociedade brasileira não está dividida entre brancos e índios como pretendem os inspiradores do anti-ocidentalismo. A divisão é entre exploradores e explorados, entre os que detêm os meios de produção e os que contam apenas com sua força de trabalho. Por esta razão, se bem que mantêm a especificidade de sua luta, eles buscam seus aliados naturais: os trabalhadores, os camponeses sem terra, os estudantes e os setores explorados da população índia."

Esta é a posição oficial da delegação brasileira presente ao Congresso Latino-Americano dos Povos Indígenas que está se realizando em Cusco, em Ollantaytambo e em Písac, cidades antigas do império inca. A posição brasileira, que sinteticamente pretende fazer com que a luta dos índios por sua autodeterminação na América Latina seja uma luta integrada aos demais setores da sociedade latino-americana que vive numa situação de miséria e de exploração, é apoiada apenas pelos representantes da Venezuela e da Colômbia, e que aqui no Congresso são chamados de "índios das selvas". Os demais países, como Chile, Equador, Peru, México, Costa Rica e outros países latino-americanos, sobretudo a Argentina, contestam fundamentalmente a posição brasileira. As discussões, ontem e ontem, nas comissões de trabalho do Congresso, foram acaloradas a tal ponto que o representante da Argentina, ao saber da posição oficial brasileira, deixou a sala de uma das comissões afirmando que "não estou aqui para aceitar idéias de cunho marxista. Já fomos explorados demais pela civilização ocidental durante quase cinco séculos e não estou disposto a aceitar como índio ser explorado por idéias e conotações marxistas", disse o delegado argentino Mario Rojas, que explicou depois, irritado, que "os brasileiros não têm nada que fazer aqui nesse Congresso, uma vez que são uma nação baseada na cultura negra e não na cultura indígena". O representante argentino disse mais: "O Brasil quer dominar o Congresso propondo que a luta pela autodeterminação dos povos indígenas deva ser em conjunto com outros setores explorados da sociedade. Não posso concordar com isso e por isso saio desta sala de reuniões, porque acho que nós, índios argentinos, seremos bem representados pelas idéias de nossos irmãos bolivianos". Em seguida Mario Rojas se retirou dos debates.

Em resposta à delegação brasileira — formada pelos professores José Ramos, Renato Athias, Ribamar Bessa e pelo índio Daniel Matena Gabixi, informou que "nossa posição não é marxista; é uma posição



A miséria pode ser verificada na maioria das comunidades.



Os índios brasileiros falam 150 línguas diferentes.

de índio sofrido, massacrado, explorado.

Mas com a ressalva de que nós, brasileiros, não achamos que a auto determinação dos povos indígenas da América Latina e do mundo deva ser feita com base na contestação sumária de toda a cultura ocidental. Defendemos a tese de que a luta indígena deve ser prática e não surrealista."

A posição brasileira foi considerada fundamentalmente contrária à idéia básica do atual Congresso Latino-Americano dos Povos Indígenas, ou seja, a idéia da formação do chamado Segundo Tahuantinsuyo (Grande Império Inca) que é a idéia defendida pela maioria das delegações latino-americanas aqui presentes.

O reconhecimento das nações indígenas como nações, além de ser a única garantia para a concessão — isto é, posse efetiva do território, condição para sua inviolabilidade —, implicaria uma redefinição imediata da política indigenista e a consequente definição do que se entende por relativa autonomia dessas nações, a elaboração de alfabetos para as línguas indígenas, a formulação de uma política de comunicação, divulgação e educação em que seriam respeitadas e usadas as línguas indígenas, a criação de toda uma infra-estrutura para execução dessa política, a definição da função e do uso das línguas em questão, a aquisição pelas chamadas minorias étnicas do português como segunda língua, além de uma série de medidas no campo econômico e político. Sem pretender dar respostas definitivas a todas estas perguntas acreditamos nós, brasileiros, sem dúvida alguma, que o encontro de movimentos índios da América Latina, como es-

te atual que se realiza aqui, em vez de produzir manifestos contra o mundo ocidental e contra a Europa, repetindo antigos slogans como "Europa está podre" e "viva o poder índio" e coisas do gênero e do estilo que só servem para confundir a luta, deve centralizar suas preocupações nos temas que conduzam os povos indígenas à sua participação, ao lado de todos os explorados, na construção de uma sociedade sem classes, fraterna, solidária onde os direitos básicos das nações indígenas — como pessoas e como etnias — sejam respeitados", afirmaram os delegados brasileiros.

Esta posição foi apoiada pela Venezuela e pela Colômbia. Estes países defendem a idéia de que "é necessária a união entre as classes exploradas, a fim de fazer valer seus objetivos e entre estas classes estão os índios". O representante da Colômbia disse o seguinte: "Temos que nos unir para defender nossa terra e assim defenderemos nossa cultura. A união com o campesinato é a melhor alternativa." Já o representante da Venezuela acrescentou, durante o acirrado debate: "Estamos entre os brancos explorados também. Não nos diferenciamos, ao nível da exploração, dos operários, dos estudantes, camponeses, e sacerdotes progressistas. Temos é que diferenciar quem é o branco amigo e quem é o inimigo."

A posição básica do Congresso defendida pelo Chile, Argentina, Equador, Peru, Paraguai, Costa Rica, Bolívia e outros países latino-americanos como a Guatemala, é a seguinte e foi proposta num documento lido inclusive perante a comunidade incaica de Ollantaytambo, posição frontalmente contrária à posição brasileira, colombiana e venezuelana: "Asssegurar com o devido respeito a cultura dos povos indígenas, seu crescimento político, econômico, social e educativo concedendo-lhes o tratamento adequado, justo e garantindo-lhes proteção contra qualquer abuso. Desenvolver um governo próprio, tendo em conta as aspirações políticas dos povos indígenas e ajudá-los no desenvolvimento progressivo de suas livres instituições políticas, de acordo com as circunstâncias especiais de cada território, de seus povos e de seus diferentes graus de desenvolvimento. Portanto, recorremos ao máximo órgão de justiça de cada país solicitando que declare ser de justiça a reinstauração das instituições básicas do império inca na forma do Segundo Tahuantinsuyo que deve existir e vigorar no Peru atual e do futuro. No segundo Tahuantinsuyo (denominação dada a todo o império inca) serão respeitadas outras formas de organização e de vida da mesma forma que faziam e praticavam os incas."

Esta posição está sendo assumida pelos indígenas que representam cerca de 65 milhões de índios em vários países da América Latina, que não querem qualquer aproximação com o mundo ocidental, o que, para os brasileiros, colombianos e venezuelanos, "não passa de uma utopia".

O representante boliviano dos Aymaras Kheswas e dos Kollasuyus, Ramiro Reynaga, do Movimento Índio Tupac Katari, o mais importante da Bolívia, falando em nome de 20 milhões de índios que vivem nos altiplanos da Bolívia, Peru e Equador, foi claro quando alegou que "se o índio tem que lutar, ele tem que lutar junto e coletivamente". Disse mais: "Nossos movimentos têm sido considerados pelos brancos como movimentos párias, apesar de nossos milhões de adeptos índios, porque não temos tido união. Temos capacidade humana e filosófica para autodeterminarmos, e se ainda não conseguimos isso foi porque temos atuado dispersivamente." Em seguida ele propôs várias alternativas para que os índios da América Latina tenham voz ativa e se façam ouvir sem necessidade de utilizar os fóruns internacionais criados pelo mundo ocidental: formação do conselho maior do Tahuantinsuyo, com base na ideologia básica da indianidade ou seja o sentido coletivista e comunitário; a criação de um meio de di-



Há 210 mil índios puros espalhados pelo Brasil.

fusão escrita; associações indígenas para suas próprias atividades culturais em cada um dos países envolvidos; a criação de uma rádio do Segundo Tahuantinsuyo; a formação de um centro de história e filosofia indígenas, para que seja possível a tomada de uma consciência uniforme a respeito do Tahuantinsuyo; a criação de um conselho específico para dar apoio moral, financeiro e material às atividades indígenas para despertar a consciência das massas indígenas e comunicar-lhes o que de fato aconteceu e vem acontecendo com sua cultura. Ele disse ainda que o conselho superior do Segundo Tahuantinsuyo deveria se reunir duas vezes ao ano, pelo menos para realizar uma avaliação das demais atividades e dos progressos alcançados.

Para o Brasil estas idéias são válidas, "mas não representam as verdadeiras aspirações indígenas da América Latina, que querem respostas imediatas para seu sofrimento e sua constante humilhação". A delegação brasileira é formada por professores integrados ao grupo Proantim, com ligações estreitas ao Conselho Indigenista

Missionário. Um de seus principais líderes, o professor José Ribamar Bessa, disse que "a posição brasileira não tem nada de marxista-leninista, como a Argentina quer fazer entender. Nossa posição é uma posição prática apenas. O índio brasileiro vive imerso em vários problemas de ordem vital para ele, como o problema da terra, de suas terras invadidas, tomadas, e índios que são massacrados por grupos empresariais que querem apenas lucros, esquecendo-se de que as nações indígenas brasileiras são formadas por seres humanos que merecem ter voz ativa e merecem ser respeitados. Isso, antes de qualquer coisa, é uma posição humanística, disse José Ribamar Bessa. Já o indígena brasileiro Daniel Matena Gabixi preferiu não se pronunciar diretamente, acrescentando que "estou ouvindo muita coisa e eu quero primeiro tornar maduras minhas idéias para depois me pronunciar a respeito". Daniel é da nação dos 600 parecis do Mato Grosso.

O Congresso Latino-Americano dos Povos Indígenas, ontem, foi transferido para a Cidade de Písac, fundada pela civilização incaica e onde há monumentos muito importantes da civilização inca. Os povos índios da região, em pleno Vale Sagrado dos Incas, foram recebidos pelos delegados do Congresso e houve atividades artístico-culturais. A tarde as várias comissões do Congresso voltaram a se reunir para à noite se recolherem a Ollantaytambo. O cenário não poderia ser mais maravilhoso. No Vale Sagrado dos Incas a lua cheia e o céu extremamente estrelado tornam tudo inesquecível. Aliás, apesar do calor dos debates, os congressistas e os índios não conseguem manter suas divergências quando a lua cheia atinge o Vale Sagrado, ilumina as montanhas e os monumentos incaicos e clareia os picos nevados da Cordilheira dos Andes, num espetáculo natural sem precedentes para este correspondente.

Ontem em Ollantaytambo, os alcaides índios foram recepcionados pelos congressistas numa festa chamada Homenagem ao Sol. Logo a seguir houve sessão plenária e um banquete à moda índia no Vale Sagrado, ao lado do Templo do Sol dos Incas. A tarde realizou-se uma cerimônia de discussão final dos temas do Congresso. Hoje todos os congressistas e jornalistas estrangeiros visitarão os principais sítios arqueológicos da região do Vale Sagrado, inclusive Machupicchu, a 100 km de Cusco.



Eles querem se integrar aos demais setores da comunidade.